

NARRATIVAS DA AMAZÔNIA PARAENSE

Maria do Socorro Simões
Universidade Federal do Pará

Resumo: O acervo do Projeto IFNOPAP dá conta de lendas da região , além de experiências de vida desse homem, dividido entre o rio e a floresta , além de mostrar outra presença variada e rica : as narrativas trazidas pelo colonizador, presentes e ainda tão vividas na memória da nossa gente. Em circunstância tão particular, só sentida por quem tem o privilégio de viver a Amazônia, o nosso pesquisador se surpreende... em meio a diversidade de informação e a intersecção de motivos. A experiência de pesquisa passa a ser das mais instigantes e, ao mesmo tempo, das mais prazerosas. Até onde o fabuloso, até onde a realidade? Como delimitar esses espaços que na maioria das vezes tangenciam-se e separam-se por limites quase imperceptíveis
Palavras-chave : Narrativa; lendas; Amazônia, imaginário

Abstract: The IFNOPAP collection contains regional folk tales, life experiences of the local man lived by the river and the forest and shows another presence, varied and rich: the narratives brought by the colonizer which are present and still alive in the memory of our people. In such particular circumstances, felt only by the ones who have the privilege of living in the Amazon Region, our researcher is surprised by the information diversity and the intersection of motives. The research experience becomes very instigating and, at the same time, very pleasant. Which is the limit of the fabulous, and the reality? How to delimit such spaces which, most of the times, touch one another and then get apart by quite imperceptible limits.
Key words: narrative, folk tales, Amazon, imagination.

Em Metamorfose: uma viagem pelo imaginário grego (1994), Leminski considera que o mito é a “palavra fundadora, a fábula matriz, a estrutura primordial, leitura analógica do mundo e da vida”. Visto sob este aspecto o mito é entendido como explicação para a vida, a natureza, a história e as relações sociais do homem em seu espaço de origem. A partir dessas considerações, o presente trabalho se propõe a fazer uma curta discussão sobre mito, enquanto discurso fundador - cerne da história e identidade de uma cultura, nesse caso específico: a cultura amazônica e suas manifestações míticas.

Revedo os gregos, encontramos mito, que remonta a “mythos”, relacionado com palavra formulada, que pode ser narrativa, diálogo ou enunciação. Desde o sentido original: (fábula), até a modernidade, a palavra tem merecido um número crescente de significados tem: narrativa de tempos fabulosos ou heróicos; narrativa de significação simbólica, geralmente, ligada à cosmogonia; representação de fatos ou personagens reais, exagerada pela imaginação popular, pela tradição; idéia falsa, sem correspondente na realidade; coisa inacreditável, fantasiosa, irreal, utópica. Enfim, estamos todos justificados pela palavra do poeta: “O mito é tudo que é nada”

Nesse contexto, considerar-se-á mito como fábula matriz, leitura analógica do mundo e da vida, segundo o conceito de Leminski, no título já citado.

Ainda se levará em conta que o mito se enquadra na poíesis e é como atividade poética que manifesta a sua especificidade discursiva (Cassirer (1977), para Huizinga(1972:154) “o mito, qualquer tenha sido a forma em que chegou até nós, é sempre poesia. Em forma poética e com recursos de fabulação, oferece um relato das coisas que se apresentam como ocorridas.

Dentre as muitas considerações, convém reafirmar que o mito é a linguagem inaugural em que se encontram os traços fundadores da memória da humanidade e em que num ininterrupto fazer-se funda os sentidos que percorrem e se traduzem a/na história da sociedade.

Há que se levar em conta, portanto, que é a palavra relatada no e do mito que constrói no imaginário social, mediante efeitos discursivos de sentido, representações de identidade que permitem ao indivíduo afirmar a sua existência no mundo, além de ser (o mito) o elemento justificador (em certa medida, por exemplo, na religiosa, o plano de redenção: o redentor) do próprio sentido e existir do mundo .

De acordo com Cassirer, a lógica do mito é “incomensurável com todas as novas concepções de verdade empírica ou científica”. Visto sob esse aspecto, o conjunto de mitos de uma sociedade adquire um valor documental que se evidencia e que não pode ser desconhecido ou relegado pelas ciências humanas e nem pelas demais ciências.

A narrativa mítica, enquanto forma de discurso proferido, encontra-se diretamente associada à categoria de performance, a partir da qual “o mito deve ser entendido como cultural e socialmente contextualizado” (Sherzer, 1990:11). Por conseguinte, enquanto ato narrativo, o mito deve ser entendido como uma forma peculiar de arte verbal, envolvendo contadores, audiência e espaço acordado com a prática do contar.

O narrador, ao contar o mito, insere-se ele mesmo numa linhagem tradicional e institucionalizada de “o contador de histórias” que, por sua vez, legitima a performance . Ao mesmo tempo, esse mesmo narrador introduz as marcas de sua individualidade, que é única e irrepitível. Na realidade, cada nova performance, é uma espécie de recontar/recriar que traz os sinais do engenho artístico de cada narrador.

Uma performance verbal pode ser caracterizada por materiais diferenciados: o narrador pode ficar imerso nas fontes da tradição, ser capaz de imprimir suas marcas pessoais e pode, ainda, utilizar elementos relacionados com os avanços sócio-culturais do grupo.

É nesse sentido que se afirma que cada performance verbal é irrepitível, além de mobilizar, ao mesmo tempo: a tradição e a inovação, o individual e o coletivo.

Discorrer sobre mito, cultura e tradição, ou sobre outros temas dessa natureza, sempre se constituiu uma espécie de barreira a ser enfrentada, bem como

dificuldades a serem suplantadas. E não se trata, apenas, do preconceito, em geral, colocado pelos defensores da academia elitista, comprometida com a formação e divulgação de conhecimento, a partir da mentalidade de que o erudito é o detentor de todo o crédito ; trata-se, na verdade, também, das próprias dificuldades de se caminhar por uma área em que os estudos se alternam entre o eruditismo extremo ou a simples aventura dos que estão em busca do exótico e do “pitoresco”, o que, enfim, acaba por comprometer a pesquisa, a reflexão e os conceitos atinentes ao assunto.

Apesar das barreiras, como ficar indiferente aos encantos dos mitos, da cultura e de uma tradição como a da Amazônia, por exemplo. Como não se expor às dificuldades e às freqüentes barreiras quando o fascínio se deve a uma região como essa? É difícil, para não dizer “quase impossível”, quando se vive anos a fio em meio a tanta exuberância. Independente das barreiras que se erijam, vale a pena o desafio, afinal há apelos em todos os sentidos e de toda a ordem nesse espaço mágico. Como diria o poeta: “Resistir quem há - de?”

Os mitos relatados/gravados, que fazem parte do acervo do projeto IFNOPAP, são a verdadeira expressão da multiplicidade do viver amazônida, envolvendo as emoções, sonhos, devaneios, aspirações, realizações, frustrações, ideais, encantos, desencantos...enfim, toda a vida e utopia de um homem dividido entre a selva e a água daquela vasta planície.

Eidorfe Moreira, em Amazônia - o conceito e a paisagem,¹ afirma “A Amazônia - já disse - é um anfiteatro”, de forma “excessivamente alongada”, nesse imenso e solene anfiteatro não apenas se representa e desfila a vida em infindas manifestações performáticas, mas ele, anfiteatro, é a própria síntese de uma espécie de vida e de vivência, marcadas por experiência plena de magia e sedução.

O anfiteatro assimétrico e irregular, de que fala Eidorfe Moreira, é constituído de rio e de floresta que sintetizam para o homem amazônida uma realidade com dupla função : uma imediata, lógica, objetiva fonte de vida e subsistência e outra mediata, mítica, mágica, plena de encantos e encantamento, responsável por todos os seus sonhos e devaneios. A intersecção dos dois espaços resulta numa síntese complexa e ao mesmo tempo simbólica, em que residem os substratos mais legítimos da cultura amazônica.

A paisagem composta e emoldurada por rios e florestas significa para o amazônida, portanto, não apenas o espaço de vida e trabalho num cotidiano repetitivo, mas também o elemento mediador de uma ligação com o maravilhoso e com o fantástico. Nessa paisagem, homens, animais, seres, rios, florestas são vistos e observados com a perspectiva de perscrutação e captação do sentido íntimo das coisas.

Os rios da Amazônia constituem uma realidade excepcional e não apenas por formarem uma bacia de 4.778.374 km de curso de água, mas por ser o rio, nesse incomparável espaço, quase tudo, ou seja, por estar intimamente ligado à vida e à cultura da região:

“Rio, pão líquido, andar em procissão de espumas,
alimento de lendas, poesia

¹ MOREIRA, E. (1960). Amazônia - o conceito e a paisagem. p. 53

- piracemas de ânsias, preamares, sílabas” (Paes Loureiro)²

Desses rios emergem botos, iaras, boiunas, cobras-noratos e todo um mundo encantado que habita as suas profundezas para conviverem com o caboclo ou com o homem cidadão, numa permanente unidade como se o mundo fosse uma imensa, líquida e verde cosmo-alegoria :

“Isso aconteceu na Vila do Curuaí. Uma noite, uma moça, enquanto ela dormia, veio um homem, todo de branco... e levou a moça bem pra perto do rio. A casa dela ficava bem pertinho do rio.

Então, ele levou a moça pra lá. E, quando foi de manhã, a família da moça procurou por ela e não encontrava a moça. Foram achar a moça nua, lá na beira do rio. E a moça dizia, quando ela acordou, que um rapaz gostava dela e tinha abusado dela. Só que o feiticeiro, um velho do interior, disse que tinha sido o boto.

E o boto, ele sempre aparecia. Ele aparecia para os homens também. Uma vez, ele apareceu para um rapaz. O nome do rapaz era João e ele quis tirar o calção do João, mas o João conseguiu fugir.

Diziam que alguns rapazes não conseguiam escapar do boto.”³

Com a extensão de 4.161.482m² , a floresta amazônica é o outro lado significativo dessa fascinante paisagem.

A floresta, na tradição literária, tem sido eleita como índice do espaço sintetizador das aventuras, venturas e desventuras do homem, desde a sua concepção, independentemente das discussões que se possam levantar em torno dessa origem : desde as aventuras da cavalaria medieval até as guerrilhas modernas, a floresta tem sido considerada o espaço/refúgio ideal de encantados, entidades mítico/místicas, amantes perseguidos como Tristão e Isolda, santuário natural da mitologia celta, guardadora do Santo Graal, além de se configurar como símbolo do amor eterno na mitologia indígena, paraíso edênico ou reino das trevas.

Elemento primevo na constituição da paisagem, a floresta amazônica absorve e catalisa o comportamento do amazônida , imprimindo à região uma espécie de estilo de vida e cultura.

Dessa floresta, vista metaforicamente, pelos que olham à distância, como um arquétipo , responsável pela sustentação da vida no planeta, nessa dobrada de milênio, e cuja destruição representaria uma catástrofe, dessa mesma floresta assistimos à afloração de histórias cheias de encanto, que a cultura amazônica legitima e institui “enquanto fantasia aceita como verdade”⁴

Para evitar que se prive a comunidade de narrativas como essas e se inviabilize estudos sobre a arte de contar , sobre o próprio contador e cultura amazônidas é que o Projeto Integrado “O Imaginário nas Formas Narrativas Oraís Populares da Amazônia Paraense” continuará perseguindo os seus objetivos na tentativa, também, de manter não apenas vívidas as lembranças da região, mas de propiciar discussões pertinentes sobre oralidade, cultura e situações narrativas no âmbito da academia.

² LOUREIRO, J. J. Paes. Porantim. In: Cantares Amazônicos. p.62,63

³ - Adaptada do livro: SIMÕES & GOLDBER. Santarém conta... p.41,42

⁴ - LOUREIRO, J.J.Paes. Cultura amazônica: uma poética do imaginário. p.63

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BACHELARD, Gaston. A água e os sonhos. S.Paulo, Martins Fontes.1989.
- CASSIRER, E. Antropologia filosófica. São Paulo, Mestre Jou, 1977.
- CENTENO, Y.K. A simbologia alquímica no conto da serpente verde de Goethe. Lisboa, UN [s d]
- CÂMARA, Cascudo. Literatura oral. Rio de Janeiro, José Olympio, 1952.
- ELIADE, Mircea. Mito e Literatura. S. Paulo, Perspectiva, 1978.
- ELIOT, T.S. Notas para uma definição de cultura. S. Paulo, Perspectiva, 1988.
- FERREIRA, Jerusa P. Cavalaria em cordel; o passo das águas mortas. S. Paulo, Hucitec, 1979.
- GOMES, Lindolfo. Contos populares. S. Paulo, Melhoramentos [s d]
- HUIZINGA, J. Homo ludens. Madrid, Alianza Editorial, 1972.
- LEMINSKI, P. Metamorfose. Uma viagem pelo imaginário grego. S.Paulo, Iluminuras, 1994.
- LOUREIRO, J.J. Cultura amazônica uma abordagem poética. Belém, CEJUP, 1995.
- MIELIETINSKI, E.M. A poética do mito. Rio de Janeiro, Forense, 1987.
- NASCIMENTO, Braúlio. As seqüências temáticas no romance tradicional. Revista Brasileira de Folclore (15): 159 - 90, 1996.
- SHEZER, J. Verbal art en San Blas. Culture through its discourse. Cambridge, C.U. Press, 1990.
- SIMÕES, Ma. do Socorro & GOLDER, C. Santarém conta... Belém, CEJUP,1995.